

# As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade sob a perspectiva pneumatológica

## Church characteristics as a constitutive element in the search for unity from a pneumatological perspective

Thiago Vieira Nogueira<sup>1</sup>

### Resumo

Como elemento constitutivo na busca da unidade, as propriedades da Igreja apontam para sua origem e sua missão. Uma vez que sua referência está centralizada na Trindade, a Igreja é chamada a expressar a unidade indivisa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, da qual ela deve ser modelo. A Igreja é santa porque sua santidade vem de Deus; é Ele quem santifica a Sua Igreja, de modo que, santificada, também a Igreja se torna santificante, congregando os fiéis na “comunhão dos santos”. A Igreja é católica porque sua catolicidade está ligada diretamente a Jesus Cristo, de modo que o atributo não designa determinada denominação cristã, mas antes, o caráter universal da Igreja, enviada à todas as nações; por fim, a Igreja é apostólica, pois fundada sob os alicerces dos apóstolos, conserva e transmite os ensinamentos que os mesmos ouviram e aprenderam com Jesus, salvaguardando, assim, o depósito da fé. Tais propriedades são garantidas pelo Espírito Santo: é Ele quem guia e conduz a Igreja, mantendo-a sempre unida, ainda que historicamente se apresente fragmentada; é o Espírito quem santifica-a com seus dons, uma vez que Ele é o princípio da santidade; é o Espírito quem a catoliciza, fazendo-a continuar a missão de Jesus Cristo no mundo; e por fim, é Ele quem lhe assegura a apostolicidade, garantindo a fidelidade à mensagem de Jesus, por meio dos seus sucessores.

### Palavras-chave

Eclesiologia. Ecumenismo. Pneumatologia.

### Abstract

As a constitutive element in the search for unity, the Church characteristics reach back to its origins and missions. Since its reference is to the Trinity, the Church is called to express the undivided unity, the Father, Son and Holy Spirit, of which it must serve as model. The Church is holy because Christ, the bridegroom of the Church, is holy, and it is sanctified by Him. Therefore, it becomes sanctifying, gathering the faithful ones in the “communion of saints.” The Church is catholic because its catholicity is directly linked to Jesus Christ, wherefore the attribute does not determine a certain Christian denomination, but rather the universal nature of the Church, sent to all nations; finally, the Church is apostolic, because it was founded upon the apostles, who preserve and transmit the teachings they heard and learned from Jesus, thus safeguarding the deposit of faith. These characteristics are assured by the Holy Spirit: He is the one that leads and counsels the Church, keeping it united at all times, even if perceived as fragmented through history; it is the Spirit who sanctifies it through His gifts, for He is the principle of sanctity; it is the Spirit who catholicizes, enabling it to continue Jesus Christ’s mission in the world; ultimately, it is He who assures apostolicity, allowing faithfulness to Jesus’ message through His successors.

### Keywords

Ecclesiology. Ecumenism. Pneumatology.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Teologia Bíblica pela PUCPR. Bacharel em Teologia pela PUCPR. Licenciado em Filosofia pela PUCPR. Contato: [thiagofilos@hotmail.com](mailto:thiagofilos@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar as propriedades da Igreja na compreensão da sua natureza, como elemento constitutivo na busca da unidade. Sob o enfoque pneumatológico, analisar-se-á neste artigo além de tais atributos, a ação do Espírito Santo ao garantir à Igreja a unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade.

A Igreja, na definição do Concílio Vaticano II, tem sua origem no desígnio da Trindade: é projeto do Pai que, por sabedoria e bondade, criou o universo, elevou os homens à vida divina, predestinando-os a ser imagem de seu Filho e estabelecendo congregar na Igreja todos os que creem em Cristo. É instituição do Filho que, na plenitude dos tempos, foi enviado pelo Pai para cumprir Sua vontade, anunciou o Reino dos céus, revelando-nos Seu mistério e inaugurando a Igreja. É, por fim, manifestação do Espírito Santo que, enviado pelo Pai e o Filho, santifica perenemente a Igreja, guiando-a à consumação plena. Assim, a Igreja manifesta-se como assembleia reunida na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (LG 3).

No diálogo ecumênico acerca dos elementos constitutivos da unidade da Igreja, a compreensão da natureza eclesial apresenta pontos de divergência, especialmente em questões eclesiológicas e institucionais, mas também pontos de convergência, que constata a real busca da unidade. Dentre eles, destacam-se as inúmeras iniciativas de aproximação para o diálogo e a oração comum, a colaboração e a solidariedade entre cristãos em diversos setores de serviço à sociedade. Em passos curtos ou largos, percebe-se, cada vez mais, a consolidação do movimento ecumênico em diversas esferas, fazendo com que os cristãos expressem de modo visível o desejo de Jesus: “a fim de que todos sejam um [...] para que o mundo creia” (Jo 17,21).

Sob a luz e a ação do Espírito Santo, os cristãos são guiados à unidade plena desejada por Jesus, de modo a formarem “um só rebanho e um só Pastor” (Jo 10,16). Como princípio da unidade, da santidade, da catolicidade e da apostolicidade da Igreja, o Espírito a encaminha à consumação escatológica quando “Cristo será tudo em todos” (Cl 3,11).

## 1 UNIDADE

O primeiro atributo dado à Igreja a caracteriza como una. “A Igreja é una. Tão certo quanto Deus é uno e Cristo é uno, a Igreja é una. É ‘a Igreja de Deus’, ‘a Igreja de Cristo’, por conseguinte a única Igreja.” (RODMAN, 2011, p. 764). Neste sentido, a unidade na Igreja constitui um fator de fundamentação e definição ontológica e teológica-criacional: “Pelo fato de a Igreja ser a comunhão dos crentes a representar e testemunhar a comunhão trinitária de Deus, a estrutura de sua unidade precisa corresponder à unidade de Deus.” (WIEDENHOFER, 2012, p. 107). De acordo com Wolff:

Acredita-se que a Igreja é una em sua constituição íntima porque o seu acento principal está em Deus, cuja unidade e unicidade são comunicadas à Igreja. A Igreja é una porque um só é o Cristo que a constituiu como seu Corpo, um só é o Evangelho pregado, uma só é a sua missão – o Reino que ela é chamada a

## As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade

construir. Assim, a divisão dos cristãos fere a unidade dada por Cristo à sua Igreja, mas não a destrói, de modo que a unidade da Igreja existirá sempre. (2002, p. 250).

É de se notar que, desde seus primórdios, a Igreja se apresenta com uma grande diversidade, cuja origem remete à variedade dos dons divinos e à multiplicidade dos fiéis que o recebem (CIC 814). Tal fato aponta para uma unidade formada a partir da pluralidade e não da uniformidade, assegurando uma heterogeneidade na formação e estruturação do Corpo de Cristo – a Igreja. Neste sentido, na primeira carta aos Coríntios, ao discorrer sobre a diversidade e a unidade dos carismas, Paulo compara-os aos membros do corpo que, embora sejam distintos, formam um único todo (cf. 1Cor 12, 12-13.27).

Entretanto, ainda que a unidade na Igreja se fundamente na pluralidade, a mesma é constantemente ameaçada pela divisão que fragmenta o corpo eclesial, gerando rupturas que ferem a integralidade e a totalidade do Corpo de Cristo. Novamente recorreremos às palavras do apóstolo: “Cristo estaria assim dividido?” (1Cor 1,13). No entanto, ainda que esta unidade esteja ferida por causa da fragmentação histórica da Igreja, a mesma se mantém como elemento fundamental na compreensão da sua natureza. Desse modo, a unidade da Igreja necessita ser compreendida na esfera temporal, como povo reunido na unidade da Trindade (WOLFF, 2002, p. 251).

Ao apontar os princípios católicos do ecumenismo, o decreto conciliar *Unitatis redintegratio* assegura os princípios de unidade e unicidade da Igreja como elementos essenciais para o crescimento do povo de Deus, sob o dinamismo do Espírito Santo, por meio da “confissão de uma única fé, na comum celebração do culto divino e na fraterna concórdia da família de Deus” (UR 2). Recordar-se, assim, o desejo expresso por Jesus ao Pai, quando rogou em favor de todos os que creem: “a fim de que todos sejam um. Como tu Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo, 17,21).

A unidade é essencialmente um fato dado para todos os que estão em Cristo, mas também é algo que precisa ser aperfeiçoado continuamente. Os crentes que permitem que a desunião e separação se imponham estão ao mesmo tempo negando sua unidade com Cristo e com o Pai e criando uma conseqüente barreira à vinda do mundo para o caminho da fé. (RODMAN, 2011, p. 765).

Ainda sob a perspectiva do referido decreto, “esta unidade Cristo a concedeu, desde o início, à Sua Igreja, e nós cremos que ela subsiste inamissível na Igreja católica e esperamos cresça, dia após dia, até a consumação dos séculos.” (UR 4). Desse modo, à Igreja cabe salvaguardar a unidade conferida por Cristo, através de atitudes concretas de diálogo ecumênico que reafirmem e reforcem a visibilidade da unidade na Igreja. Como tentativa de resposta a este apelo, é necessário uma renovação permanente da Igreja em uma fidelidade maior à sua vocação; uma autêntica conversão do coração, direcionada à vivência do Evangelho; a oração comum, dado que junto com a conversão e a santidade, esta constitui a alma do movimento

ecumênico; o conhecimento fraterno, a formação ecumênica, o diálogo e a colaboração entre os cristãos (CIC 821).

### **1.1 O Espírito faz com que a Igreja seja una**

O decreto conciliar *Unitatis redintegratio* afirma:

O Espírito Santo, que habita nos crentes, que enche e governa toda a Igreja, é quem realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une todos tão intimamente em Cristo, de modo a ser o Princípio da unidade da Igreja. É Ele quem opera a distribuição das graças e dos ministérios, enriquecendo a Igreja de Jesus Cristo com diferentes dons “a fim de aparelharem os santos para a obra do ministério na edificação do corpo de Cristo” (Ef 4,12) (UR 2).

O Espírito Santo é dom do Pai e do Filho comunicado à Igreja. De fato, a Igreja é constituída pelo Espírito: nasce e vive da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, como expressou Santo Irineu por meio da imagem das duas mãos do Pai. Desse modo, o Espírito é quem garante a unidade da Igreja, uma vez que ele é o agente e o princípio da comunhão no Corpo de Cristo.

É necessário nada menos do que o Espírito *de Deus* para conduzir à unidade tantas realidades diferentes, e isso respeitando, ou melhor, animando sua diversidade. [...] O Espírito certamente sustenta a hierarquia pastoral e dirige através dela as comunidades, mas ele faz muito mais do que isso. Ele não garante a unidade através da pressão e da redução a uma cópia de acordo, e sim pela via mais delicada da comunhão. A Igreja não é apenas “redil” (aule), mas “rebanho” de ovelhas individuais (poimne) que o pastor chama cada uma pelo nome (Jo 10,1-3.16). (CONGAR, 2010, p. 32).

Sob a ação do Espírito Santo, a Igreja é manifestada visivelmente ao mundo no dia de Pentecostes. De acordo com a constituição dogmática *Lumen gentium*, terminada a obra que o Pai confiara ao Filho realizar no meio dos homens, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes no objetivo de santificar a Igreja, a fim de que os crentes pudessem se aproximar do Pai, em Cristo, num mesmo Espírito. Este é, pois, o Espírito da Vida, pelo qual o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até a realização escatológica total, quando Cristo ressuscitará seus corpos mortais (LG 4).

Ao comunicar à Igreja a unidade, “o Espírito faz com que todos sejam um e que a unidade seja multidão.” (CONGAR, 2010, p. 33). Neste sentido, o Espírito garante, ainda, a unidade entre os eleitos, comumente denominada “comunhão dos santos” e, é essa comunhão que torna a Igreja tão diferente em qualidade das demais sociedades humanas (RODMAN, 2011, p. 813). Assim, “a Igreja é comunhão dos ‘santos’ precisamente no sentido de que todos os batizados participam no único Espírito Santo e são enriquecidos pela variedade dos seus dons, incessantemente distribuídos a cada um, segundo o espírito o queira.” (FORTE, 2005, p. 50).

## As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade

O Espírito, como princípio de comunhão, é Aquele que garante a unidade da Igreja. O mesmo Espírito que sela no amor a unidade do Pai e do Filho, sela a unidade da Igreja, diversificada por seus dons, de modo a formar um único corpo, que é o Corpo de Cristo. Prometido aos apóstolos em vista da formação do novo povo, o qual eles eram primícias, o Espírito comunicado por Jesus conduz à Igreja e os eleitos à formação de “um só corpo bem unido, no qual todas as divisões sejam superadas.”<sup>2</sup>

### 2 SANTIDADE

O segundo atributo da Igreja é a santidade. “‘Santa’ foi o primeiro adjetivo aplicado à Igreja; com efeito, é encontrado já nos inícios do século II em Santo Inácio e pouco depois, repetido por três vezes, no *Pastor de Hermas*.” (PIÉ-NINOT, 2010, p. 80). Nos séculos posteriores, a santidade da Igreja apareceu como característica fundamental no símbolo batismal romano, no símbolo batismal de Jerusalém e de Epifânio, até ser assumido definitivamente pelo símbolo niceno-constantinopolitano em 381 (PIÉ-NINOT, 2010, p. 80).

Uma compreensão correta da santidade da Igreja em todos os casos precisa levar em consideração o seguinte: o lugar original e propriamente dito do discurso sobre a santidade da Igreja não é o contexto apologético, mas o contexto litúrgico e parenético, ou seja, a experiência da não santidade do pecado humano e da libertação pela justificação e santificação divinas. Nesse discurso sobre a santidade da Igreja o olhar se volta primeiro, cheio de gratidão e alegria, para a atuação de Deus que ama, elege, redime, santifica, purifica e perdoa (particularmente em ligação ao ato do batismo), atuação esta pela qual Deus elege, por pura graça, um povo e o coloca em sua proximidade e esfera de santidade. Enquanto Igreja assim santificada e purificada por Deus respectivamente Cristo, a Igreja pode ser professada como imaculada e santa (Ef 5,25-27). (WIEDENHOFER, 2012, p. 113).

Na perspectiva bíblica, o antigo Israel – o Povo de Deus – foi separado por Ele das demais nações, tanto geográfica, quanto política e culturalmente. “A palavra ‘santo’ no AT implica separação, isolamento. Israel, como nação, estava separado de todas as outras nações.” (RODMAN, 2011, p. 767). Sob esse viés, a Igreja é essencialmente santa, visto que nela também ocorreu uma separação distinta: “a ‘nação santa’ é composta, por aqueles que, na sequência das palavras de Pedro, foram chamados ‘das trevas para sua luz maravilhosa luz’. Assim, eles foram tirados do reino das trevas e levados para o reino da luz: são, portanto, uma ‘nação santa’.” (RODMAN, 2011, p. 767).

Antes de tal argumento, é preciso conceber a santidade da Igreja “pela sua origem eterna na Trindade e fundação na história por Cristo. A permanente presença e ação do Espírito na Igreja a conservam na comunhão com o Deus Trino e a configuram na história como uma comunhão de santos.” (WOLFF, 2002, p. 51). Neste sentido, a Igreja é santa em razão da santidade de seu fundador, Jesus Cristo. Nas palavras do apóstolo, “Cristo amou a Igreja e se

---

<sup>2</sup> Oração eucarística VII (Sobre reconciliação II).

entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” (Ef 5,25-27).

A partir disso, é preciso afirmar que “a santidade da Igreja não está, em primeiro lugar, nos seus membros, estruturas, leis e doutrinas, mas na sua relação com Deus.” (WOLFF, 2002, p. 251). No entanto, dizer que a Igreja é santa, não contradiz o fato da mesma ser chamada constantemente à santidade. Assim sendo, o Vaticano II evidencia que “a Igreja, reunindo em seu próprio seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação.” (LG 8). Sob esta perspectiva, afirma Forte:

Por causa de sua fundação trinitária e da ação permanente do Espírito Santo, a Igreja é “indefectivelmente santa” (LG 39), santa no plano da ontologia da graça, porque é santificada por Cristo e pelo seu Espírito. Ela não se exclui, porém, do pecado: a santidade *da* Igreja não se identifica com a santidade *na* Igreja. (2005, p.70, grifos do autor).

A Igreja, unida a Cristo, é santificada por Ele e, por Ele e Nele, torna-se também santificante: “os cristãos são ‘santos’, porque foram ‘separados’ para Deus para constituírem o corpo místico de Cristo, sua Igreja.” (WOLFF, 2002, p. 52). Desse modo, os cristãos devem manifestar a santidade da Igreja por meio dos frutos da graça que o Espírito Santo neles produz. De acordo com a *Lumen gentium*, estes são chamados por Deus não por suas obras, mas por desígnio e graça salvífica; são justificados e, por meio do batismo, tornam-se filhos de Deus, participantes da natureza divina e, finalmente, santos. Assim, devem guardar e aperfeiçoar em suas vidas a santidade que de Deus receberam, vivendo como convém (LG 40).

Dentro da perspectiva ecumênica, a Palavra proclamada e que se faz sacramento é o vínculo que possibilita aproximações de diferentes doutrinas. Segundo Wolff, a santidade da Igreja está intrinsecamente relacionada com a o serviço a esta Palavra-sacramento, cuja meta é a comunhão no Reino, onde não haverá mais divisões entre os discípulos de Cristo, porque todos formarão uma única comunidade dos possuídos por Deus. Desse modo, a santidade comunicada por Deus é o caminho do Reino para todos os cristãos; tal caminho, no entanto, não é fruto dos esforços humanos, mas da graça de Deus, que lhes comunica os dons do Seu Espírito (WOLFF, 2002, p. 252).

## **2.1 O Espírito Santo é o princípio da santidade da Igreja**

Segundo a *Lumen gentium*, o Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo. Neles ora e testemunha que são filhos adotivos de Deus. Conduz a Igreja ao conhecimento pleno da verdade, e unifica-a na comunhão e no ministério. Doa e dirige-a por meio dos diversos dons hierárquicos e carismáticos, além de adorná-la com Seus frutos. Mediante a força do Evangelho, rejuvenesce a Igreja, renovando e levando-a a união consumada

## As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade

com o Esposo, pois tanto o Espírito quanto a Esposa – Igreja – dizem: “Vem” (Ap. 22,17) (LG 4).

A Igreja é santa porque nela habita o Espírito Santo. Como santificador dos bens da criação, Ele é o princípio da santidade da Igreja. Neste sentido, o apóstolo afirma: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? [...] Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós.” (1Cor 3,16-17). “Nesse contexto, Paulo está falando da Igreja, não do indivíduo, embora seja verdade que o Espírito Santo também habita em cada crente. O Espírito Santo, o Espírito do próprio Deus faz sua morada na Igreja.” (RODMAN, 2011, p. 769).

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre o grupo dos doze, que representavam o novo povo de Deus – Novo Israel (cf. At 2,1-13). Neste dia, o Espírito é concedido à Igreja de Jesus Cristo que se manifesta ao mundo, com a missão de animá-la e santificá-la, conduzindo-a a plena verdade. Tem-se aí o cumprimento das promessas tanto do Antigo quanto do Novo Testamento: o Espírito é derramado sobre toda carne, os filhos e filhas profetizam, jovens tem visões e velhos sonham (cf. Jl 3,1-5; At 2,17).

A partir de então, o Espírito permanece presente na Igreja, de modo que “a missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo.” (CIC 737). Enquanto princípio da santidade, é o Espírito Santo que suscita a irradiação da santidade na Igreja. Ele também impulsiona a causa do evangelho, suscita grandes iniciativas inovadoras, inspira as reformas necessárias, preservando-as das manipulações externas para fazer prevalecer conformidade com o espírito de Jesus (CONGAR, 2010, p 85). Para além, santifica, ainda, os eleitos por meio de seus dons, congregando-os na “comunhão dos santos”.

### 3 CATOLICIDADE

O terceiro atributo define a Igreja como católica. “A palavra ‘católica’ é uma transliteração do termo grego *katholikos*, que significa ‘universal’ ou ‘total’. [...] Ela foi usada pela primeira vez por Inácio de Antioquia em sua carta à igreja de Esmirna: ‘Onde quer que Jesus Cristo esteja, ali estará a igreja católica.’” (RODMAN, 2011, p. 771). Nesse sentido, a palavra católica conota primeiramente à dimensão universal da Igreja; por ser universal, ela é também ecumênica, porque a mensagem do evangelho é proclamada para toda a “terra habitada”. Assim, como resultado desta proclamação que atinge todo o *orbe*, a Igreja é católica, universal (RODMAN, 2011, p. 771).

Todos os homens, pois, são chamados a esta católica unidade do Povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal. A ela pertencem ou são ordenados de modos diversos quer os fiéis católicos, quer os outros crentes em Cristo, quer enfim todos os homens em geral, chamados à salvação pela graça de Deus. (LG 13).

A Igreja é católica porque Cristo se faz presente nela, como bem afirmou Inácio de Antioquia. Católica, à priori, não aponta, portanto, para uma referida denominação eclesial, mas, sobretudo, a uma propriedade que a Igreja recebeu desde a sua fundação; ela é católica porque é enviada em missão por Cristo a todo o gênero humano: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) (CIC 831).

De acordo com Wiedenhofer, a realização da catolicidade da Igreja, em seu sentido mais abrangente, é a missão, o envio, que é incumbência da Igreja. Em sentido mais estrito é a evangelização. Desse modo, a catolicidade da Igreja está fundamentada ontologicamente no próprio amor de Deus que se comunica e se revela como trinitário, e historicamente na missão de Jesus, dos apóstolos e dos seus sucessores (WIEDENHOFER, 2012, p. 118). Uma vez que a missão é uma exigência da catolicidade da Igreja, a Igreja é essencialmente missionária, visto que ela se origina na missão do Filho e na missão do Espírito. O fim último desta missão é levar os homens participarem da comunhão que existe entre o Pai e o Filho, no Espírito Santo (RM 23).

Enviada por Deus às nações para ser “o sacramento universal da salvação”, esforça-se a Igreja por anunciar o Evangelho a todos os homens. Fá-lo a partir das exigências íntimas da própria catolicidade e em obediência à ordem de seu Fundador. Os próprios Apóstolos, nos quais está fundada a Igreja, seguindo os vestígios de Cristo, “pregaram o verbo da verdade e geraram Igrejas”. É dever de seus sucessores perenizar esta obra, para que a “palavra de Deus corra e seja glorificada” (2Ts 3,1) e seja por toda a terra anunciado e instaurado o Reino de Deus. (AG 1).

No contexto ecumênico, a catolicidade da Igreja está intrinsecamente ligada à pessoa de Jesus Cristo: “a catolicidade pertence a Cristo. A Igreja, no sentido da única Igreja de Cristo, participa do pleroma de Cristo e é católica, mas ainda está na fase da evolução histórica, rumo à consumação” (GERT, 1964, p. 79 apud WOLFF, 2002, p. 253). Assim, o termo “católico” é compreendido no diálogo ecumênico não ligado a uma tradição eclesial única ou a uma expressão denominacional. Antes, o termo se refere à uma realidade espiritual e qualitativa que trata da plenitude dos bens salvíficos presentes na Igreja e da fidelidade à totalidade da nova vida trazida por Jesus (WOLFF, 2002, p. 254).

### **3.1 O Espírito Santo mantém a catolicidade da Igreja**

O decreto *Ad gentes* afirma que o Espírito Santo “vivifica as instituições eclesiais como se fosse sua alma. Instila no coração dos fiéis o mesmo espírito missionário, pelo qual era movido Cristo. [...] E de vários modos sem cessar a acompanha e dirige [Igreja].” (AG 4). Ele é o princípio da catolicidade da Igreja: “Ele a catoliciza, tanto no espaço do vasto mundo como no tempo da história.” (CONGAR, 2010, p. 41). Desse modo, a mensagem da salvação anunciada por Jesus Cristo pode chegar, por meio da Igreja, aos confins do universo (Mt 28,16-20).



## As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade

Em sua experiência humana, Jesus esteve repleto do Espírito Santo a ponto de assumir para si as palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção” (Lc 4,18). Após o evento pascal, as aparições do Ressuscitado deram início ao envio missionário dos apóstolos e ao cumprimento efetivo da promessa: Aquele que é repleto do Espírito Santo o comunica agora à sua Igreja, representada no grupo dos doze. Tal fato ocasionará a expansão terrestre da Igreja, garantindo a ela a universalidade e a catolicidade.

Pentecostes, que foi a apresentação da Igreja ao mundo, a lançou no mundo com uma vocação para a universalidade, não à maneira de extensão uniformemente realizada, e sim pelo fato de cada um entender e exprimir *em sua língua* as maravilhas de Deus (cf. At 2,6-11). Pela missão-dom do Espírito, a Igreja nasceu universal ao nascer múltipla e particular: católica *porque particular, tendo a plenitude dos dons porque cada um tem os seus* (CONGAR, 2010, p. 43, grifos do autor).

O símbolo niceno-constantinopolitano evidencia que o Espírito Santo é o “Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; Ele que falou pelos profetas.” Partindo desta premissa, afirma-se o conteúdo essencial da fé cristã com relação à pessoa do Espírito Santo: Ele é Deus como o Pai e o Filho, procede de ambos e tem sua atuação na economia salvífica deste o início dos tempos até a consumação da salvação humana. É ele quem suscita a filiação divina nos eleitos: “enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: *Abba, Pai!*” (Gl 4,6) e confessa-nos mesmos a divindade de Jesus Cristo: “ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ a não ser no Espírito Santo.” (1Cor 12,3).

Todavia, o Espírito é o Espírito *de Jesus Cristo*. Ele não faz outra obra diferente da *de Jesus Cristo*. Não há uma era do Paráclito que não seria a de Cristo, como Joaquim de Fiore imaginava, traduzindo mal o sentimento original e justo que ele tinha, isto é, que a história está aberta à esperança e à novidade. A catolicidade é a catolicidade *de Cristo*. A solidez da pneumatologia está em sua referência cristológica. (CONGAR, 2010, p. 58, grifos do autor).

É por meio da força de Cristo e do Espírito Santo que a Igreja pode continuar a realizar sua catolicidade. Desse modo, uma das funções do Espírito é garantir à Igreja a expansão da sua atividade missionária. Ora, assim como ela é ecumênica desde a sua origem porque deve levar o evangelho a toda “terra habitada”, também é missionária desde a sua fundação, uma vez que ela não existe para si, mas para levar a boa nova da salvação ao mundo. Nessa relação, “a Igreja, [...] não somente comunica ao homem a vida divina, mas também irradia a sua luz, de certo modo refletida sobre o mundo inteiro, principalmente porque restabelece e eleva a dignidade da pessoa humana.” (GS 40).

#### 4 APOSTOLICIDADE

Por fim, o último atributo da Igreja caracteriza-a como apostólica. “Este atributo aponta para o critério da vida da igreja, i.e., que ela sempre esteve sob o caráter normativo do ensino e da orientação dos apóstolos originais.” (RODMAN, 2011, p. 772). Deste modo, a Igreja é apostólica porque foi fundada sobre o alicerce dos apóstolos em um tríplice sentido: primeiro, porque ela foi e continua sendo construída sobre “o fundamento dos apóstolos” (Ef 2,20); segundo, porque ela conserva e transmite, com a ajuda do Espírito Santo o *depositum fidei*; terceiro, porque ela continua a ser ensinada e dirigida pelos apóstolos, até a volta de Cristo, por meio da sucessão episcopal (CIC 857).

A santidade da Igreja de Cristo é conservada no templo pela sua fidelidade aos ensinamentos adquiridos do *Logos* encarnado e transmitido pelos apóstolos, como os primeiros alicerces da comunidade cristã, a “rocha” que fundamenta a construção da comunidade de fé (Mt 7,24-25). Foram eles que por primeiro confessaram que Jesus é “o filho do Deus vivo” (Mt 16,16; Lc 9,20) sendo, assim, modelos paradigmáticos para a fé das gerações posteriores. A apostolicidade da Igreja está no fato de ser um só o fundamento e um só o Espírito que anima a Igreja e “concelebra” com os ministérios apostólicos na realização da obra de Cristo. (WOLFF, 2002, p. 255).

De acordo com a epístola aos Hebreus, Jesus é o apóstolo por excelência (Hb 3,1), o enviado do Pai. Desde o início do seu ministério, Jesus “chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,13-14). Durante a vida pública de Jesus, e no período posterior à sua ressurreição, foram ensinados e instruídos por Ele, de modo a originarem o novo povo de Deus – Novo Israel –, a Igreja. “A igreja primitiva estava sob o ensino e orientação dos apóstolos; era, portanto, uma igreja apostólica.” (RODMAN, 2011, p. 772).

O conceito de apostolicidade, cujas raízes se encontram no Novo Testamento, foi elaborada inicialmente por Ireneu, no contexto de refutação às heresias gnósticas. Por meio deste, Ireneu reivindicava a tradição oriunda dos apóstolos e a conservava na Igreja por meio da sucessão dos presbíteros. A apostolicidade da Igreja é o que garante a união aos próprios apóstolos, testemunhas da redenção de Deus em Jesus. No entanto, para tal, ela deve preservar o conteúdo da pregação e do ensino dos apóstolos, através de um ministério ordenado em sucessão histórica, desde os apóstolos e assumir a missão de testemunhar Jesus Cristo, proclamando seu evangelho, mediante o exemplo dos mesmos (WOLFF, 2002, p. 256).

Das propriedades da Igreja, é na apostolicidade que se concentram as maiores divergências entre as igrejas. É claro que a participação da apostolicidade da Igreja não se explica pela simples afirmação de que se possui a mesma fé dos apóstolos ou por determinação da legislação canônica. Ela precisa ter fundamentos também históricos e teológicos. Aqui as igrejas divergem. De um lado, existe uma notável aproximação entre a Igreja Católica Romana e a

## As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade

Ortodoxa Siriana; de outro lado, o dissenso dessas duas em relação às demais. O objetivo nesta seção é apenas constatar o fato de que todas as igrejas acreditam que a nota da “apostolicidade” é essencial à constituição da natureza da Igreja de Cristo, e afirmam em seus documentos normativos que elas a possuem. (WOLFF, 2002, p. 256).

Segundo Wiedenhofer, também as Igrejas da Reforma afirmam a existência da apostolicidade do ministério eclesiástico. No entanto, ela se manifesta principalmente na forma de sucessão presbiteral e não em um ministério eclesiástico diferenciado, como nas demais tradições (WIEDENHOFER, 2012, p. 124).

### 4.1 O Espírito Santo mantém a Igreja apostólica

O conceito “apostólica” remete aos apóstolos. De acordo com Congar, “o termo também sugere uma referência e uma conformidade com as origens.” (CONGAR, 2010, p. 59). A missão é dada uma única vez, a todos as nações, e assegurada há todos os dias, até o fim dos tempos. Os destinatários são inicialmente os onze apóstolos (uma vez que Judas já havia deixado o grupo dos doze), que são enviados ao mundo por Jesus para fazer com que todas as nações se tornem seus discípulos (Mt 28, 16-20).

Para completar esta obra Cristo enviou o Espírito Santo da parte do Pai, a fim de que interiormente operasse sua obra salúfera e propagasse a Igreja. Não há dúvida de que o Espírito Santo já operava no mundo antes da glorificação de Cristo. Mas foi no dia de Pentecostes que Ele desceu sobre os discípulos para permanecer eternamente com eles; que a Igreja foi publicamente manifestada ante a multidão; que pela pregação se iniciou a difusão do Evangelho entre todas as nações; que enfim foi prefigurada a união dos povos na catholicidade da fé mediante a Igreja da Nova Aliança que fala todas as línguas, compreende e abraça na caridade todos os idiomas e assim supera a dispersão de Babel. Como pela descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria fora concebido Cristo e como pelo mesmo Espírito descendo sobre Cristo em oração Ele fora impelido à realização do ministério, assim em Pentecostes começaram os “atos dos Apóstolos” (AG 4).

Filho e Espírito são enviados pelo Pai, mas o título de dom convém especialmente ao Espírito Santo. Ele é o cumprimento da promessa de Jesus: “No entanto, eu vos digo a verdade: é de vosso interesse que eu parta, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-ei a vós.” (Jo 16,7). Dentro da perspectiva joanina, esta promessa é cumprida no mesmo dia da Páscoa (cf. Jo 20,19-22). É, portanto, o Espírito quem mantém a Igreja apostólica: professar crer na Igreja apostólica é acreditar que o Espírito Santo apostoliciza a Igreja. Desse modo, a apostolicidade da Igreja é a comunhão com os apóstolos e através deles, com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. O princípio dessa comunhão é o Espírito Santo: “a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!” (2Cor 13,13). Assim, nessa comunhão, “cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos.” (1Cor 12,7) (CONGAR, 2010, p. 68). Continua Congar:

Essa apostolicidade é também a do serviço, do testemunho, dos sofrimentos e do combate apostólicos. É dentro dessa apostolicidade, isto é, dessa comunhão expandida no tempo sem aí se danificar, que se situa a “sucessão apostólica” no sentido técnico do termo. De fato, se podemos falar de uma sucessão apostólica para todos os fiéis, é no sentido amplo de transmissão fiel da fé. É somente *nessa comunhão* que a “sucessão apostólica”<sup>3</sup> no sentido estrito, a dos bispos, pode se realizar. Tal é o sentido profundo da ordenação episcopal realizada por vários bispos, no meio do povo que dá testemunho de que o eleito se encontra dentro da fé católica e apostólica. E como a Igreja é “apostólica” mesmo no céu (Ap 21,14), a comunhão dos santos do céu também está implicada na ordenação dos ministros (Ladainha de todos os santos). (2010, p. 69).

A apostolicidade, portanto, assegurada pelo Espírito “é a garantia de que estamos unidos aos próprios apóstolos, primeiras testemunhas da redenção de Deus em Cristo” (KRISCHKE, 1957, p. 85 apud WOLFF, 2002, p. 256). Guiando e acompanhando a missão da Igreja ao longo dos séculos, o Espírito garante a fidelidade à mensagem de Jesus transmitida, inicialmente, aos apóstolos e comunicada a todas as nações por meio da sucessão apostólica, de modo a manter viva a apostolicidade da Igreja.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À guisa de conclusão, é necessário ressaltar que a compreensão da natureza da Igreja constitui elemento fundamental na constituição da unidade. Desse modo, as propriedades da Igreja assinalam características intrínsecas à sua origem e missão, garantindo a ela a condição de ser verdadeiramente a Igreja de Jesus Cristo. Tais propriedades encontram-se intimamente interligadas entre si, de modo a formar o único corpo de Cristo – a Igreja.

Como visto, a Igreja não é uma invenção dos fiéis, mas tem sua origem na Trindade: é “constituída e sustentada pelo Deus Uno e Trino. Nela atua o Espírito de Cristo como sustentáculo da fidelidade ao projeto do Pai. Assim a unidade da Igreja indivisa funda-se na invisibilidade do Deus Trino.” (WOLFF, 2002, p. 243). Ao passo que tem sua origem na Trindade, a Igreja caminha para sua consumação que é a Trindade, santificando os homens e guiando-os à verdade plena.

As propriedades são dons conferidos por Jesus Cristo à sua Igreja. Ainda que não exista consenso no entendimento do modo cada tradição eclesial realize essas propriedades, as mesmas são afirmadas no diálogo ecumênico como atributos da única Igreja de Jesus, que por hora se manifesta historicamente fragmentada. No entanto, tal fragmentação não destrói a unidade, de modo que esta será sempre superior à divisão dos cristãos. Sob este aspecto, cabe ao Espírito

---

<sup>3</sup> “A sucessão apostólica dos bispos é sinal essencial da apostolicidade da Igreja, porque ela exprime de modo particularmente institucional a estrutura sacramental de Tradição e discipulado. Tradição acontece aqui em forma de eleição pessoal, incumbência pessoal e testemunho pessoal. Discipulado ocorre aqui (pela consagração e pela imposição da mão) como serviço da palavra a ser proclamada e passada adiante. No ministério episcopal se reúnem, portanto, a observação da palavra apostólica (que é a incumbência eclesial específica do bispo) e a sucessão do apóstolo no testemunho autorizado.” (WIEDENHOFER, 2012, p. 124).

## As propriedades da Igreja como elemento constitutivo na busca da unidade

manter a unidade entre os membros do Corpo de Cristo, formando um corpo integral que é a única Igreja.

Afirma-se, portanto, a ação do Espírito Santo a guiar a Igreja de Jesus Cristo: como princípio da unidade entre o Pai e o Filho, Ele mantém a Igreja una, fazendo que essa seja reflexo da Trindade; como fonte da santidade, o Espírito garante à Igreja de Jesus a santidade, irradiando seus dons sobre seus membros, congregando-os na “comunhão dos santos”; como princípio da catolicidade, o Espírito leva a boa nova do evangelho aos confins do mundo, garantindo que a Igreja de Jesus seja universal; por fim, como fonte da apostolicidade, o Espírito mantém a Igreja unida aos apóstolos, na fidelidade à mensagem de Jesus.

Acerca disso, pode-se concluir que “para cada Comunhão Eclesial poder professar a fé na Igreja una, santa, católica e apostólica, esta Igreja deve ser manifestada na história da própria Comunhão” (WOLFF, 2002, p. 257) e isso significa que tais propriedades se manifestam nas diferentes tradições eclesiais, de acordo com a fé professada em cada denominação religiosa, considerando as particularidades de cada uma. No entanto, o fato das igrejas afirmarem a presença de tais atributos como características intrínsecas à sua natureza não significa a existência de uma mesma consciência ou um significado comum. É possível encontrar pontos de divergências e convergências na compreensão de cada uma. ✨

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2011.

CATECISMO da Igreja católica. São Paulo: Vozes, 2006.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática “Lumen gentium” sobre a Igreja. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Constituição dogmática “Gaudium et spes” sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Decreto “Ad gentes” sobre a atividade missionária da Igreja. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Decreto “Unitatis redintegratio” sobre o ecumenismo. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FORTE, Bruno. **A Igreja: ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Redemptoris missio**: sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

PIÉ-NINOT, Salvador. **Introdução à eclesiologia**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

PIO XII. **Carta encíclica Mystici corporis**: o corpo místico de Jesus Cristo e nossa união nele com Cristo. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1943.

RODMAN, Williams J. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Vida, 2011.

WIEDENHOFER, Siegfried. Eclesiologia. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática**. 5. ed. São Paulo: Vozes, 2012. (v. 2). p. 50-142.

WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.